

# **REFLETINDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ACERCA DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA SME/ FLORIANÓPOLIS\***

***Ivana Martins da Rosa,  
Maria Cecília C. Günther\*\****

## **RESUMO**

Buscamos, neste relato, socializar/analisar o trabalho que vem sendo realizado na Escola Básica Municipal Antonio Paschoal Apóstolo, no contexto da Educação Física, baseado na proposta de Diretrizes Curriculares da Prefeitura Municipal de Florianópolis, na tentativa de um entendimento mais amplo da relação teoria e prática.

## **ABSTRACT**

In this report we intend to share/ analyse the work that has been done at "Escola Básica Municipal Antonio Paschoal Apóstolo" regarding physical education, based on the proposal of "diretrizes curriculares da Prefeitura municipal de Florianópolis" in an attempt to understand more thoroughly the relation between theory and practice.

---

\* Trabalho elaborado a partir da prática pedagógica das autoras, realizada na Escola Básica Municipal Antônio Paschoal Apóstolo.

\*\* Professoras de Educação Física da Rede Municipal de Florianópolis.



xperimentando..., é exatamente o que estamos fazendo, e para isso, há que se ter um pouco de ousadia, desejo de mudar mas, também, um olhar para frente, tendo-se claro para onde vamos e alguns caminhos que podemos seguir.

Para que essas mudanças sejam conscientes e efetivas, é fundamental estarmos numa perspectiva de trabalho coletivo com toda a escola, o que nem sempre é simples, mas pode e deve ser construído, desde que o desejo e compromisso dos profissionais envolvidos seja de responsabilidade. A partir dessa consciência de um trabalho enquanto unidade escolar, é que se fundamenta um sentido mais amplo de Comunidade Escolar, isto é, a Escola dentro da e com a comunidade onde se encontra.

Nossas ações na Escola Básica Municipal Antônio Paschoal Apóstolo, estão baseadas na Proposta de Movimento de Reorientação Curricular/Documento Preliminar de Educação Física. Esse documento vem sendo elaborado pela Divisão de Educação Física da Secretaria Municipal de Florianópolis, “na construção de propostas teórico-práticas que balizem o trabalho cotidiano dos professores de Educação Física nas escolas municipais”. (MAZZO e BREZINSKI, 1995:196)

Tentando conciliar o objetivo do documento com o que acreditamos ser uma aula de Educação Física, resolvemos socializar nossas experimentações,

a fim de refletir/avaliar as possibilidades concretas de aplicação do que foi construído, diante das dificuldades da nossa realidade.

## Ponta Pé Inicial

Nossas experimentações partem de uma Reunião Pedagógica realizada no início do ano letivo, onde expomos ao quadro docente da escola nossa proposta pedagógica a ser construída junto aos alunos durante o ano de 1996. Essa necessidade se deu por percebermos que a Educação Física Escolar vem passando por uma transformação ao longo dos anos, mas que por falta de um trabalho coletivo dentro do contexto escolar, essas mudanças são percebidas (quando são), pelos professores da área, ficando para muitos a idéia que ainda é hegemônica - “Educação Física enquanto atividade meramente prática”, vinculada a idéia de homem enquanto ser dual, Corpo e Mente, ocasionada pela abordagem da Aptidão Física. Por ser essa a idéia de Educação Física Escolar hegemônica, a posição dos alunos não se diferencia muito. Para esses, a Educação Física tem sentido quando vinculada ao “Desporto”, entendido como esporte de competição.

Tal exposição se tornou importante, para que pudéssemos ter respaldo desse segmento durante o processo, no sentido de que a visão do senso comum não fosse a predominante dentro dessa realidade. Com isso, acreditamos ter dado o primeiro passo rumo a um planejamento participativo, isso porque, entendemos por planejamento participativo, a efetiva participação dos su-

jeitos dentro de uma mesma ação, que no caso da nossa escola é “a formação crítica, consciente e competente do educando, fazendo com que esse, seja capaz de intervir e transformar a realidade em que está inserido”. (Projeto Político Pedagógico, 1995)

Partindo dessa realidade, o planejamento específico passou também a ser construído de forma participativa entre professoras e alunos, cabendo ao aluno não apenas a construção de uma listagem de conteúdos/conhecimentos de seu interesse, mas também de objetivos a serem alcançados e possíveis encaminhamentos. Assim como o G.T. PEDAGÓGICO (1991:40), “(...) acreditamos que os alunos sabem atuar juntos, (...) nesse momento, abre-se caminhos para que possam apresentar sua opiniões e realizar suas experiências que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana”.

Buscamos com isso, alcançar três competências que julgamos necessárias na contribuição para a formação de um sujeito crítico, consciente e competente. Tais competências são elaboradas por MAYER (apud KUNZ, 1994), que são:

- **Competência Objetiva:** visa a apreensão de conhecimentos e informações sobre “destrezas” e “técnicas” eficientes, que possibilitem a organização individual e coletiva dos alunos para o agir prático de forma competente;

- **Competência Social:** visa o entendimento das relações sócio-culturais do contexto onde vivem, dos problemas e contradições destas relações, os diferentes papéis que os indivíduos assumem numa sociedade, no esporte,

e como estes se estabelecem para entender diferentes expectativas sociais;

- **Competência Comunicativa:** visa incentivar a comunicação dos alunos, ou seja, a linguagem deve ser desenvolvida dentro de um processo reflexivo que desencadeie iniciativas de pensamento crítico.

Para que possamos alcançar essas competências, buscamos construir nossa práxis, norteadas em alguns princípios pedagógicos que oportunizem aos alunos a apropriação do conhecimento de forma crítica. Tais princípios também estão fundamentados na Proposta Curricular de Educação Física da Prefeitura, entre eles podemos destacar:

- **Princípio da Totalidade:** busca um entendimento mais amplo do que se passa na aula, na escola, na sociedade e que tudo isso faz parte da história construída pelo homem, isto é, uma compreensão de que essas instâncias constituem um todo, um processo em desenvolvimento, com contradições e influências mútuas, e não simplesmente a aula isolada;

- **Princípio da Continuidade-Ruptura:** partindo do conhecido do aluno, para que, através da vivência/discussão/reflexão sobre o mesmo, se possa romper com o já estabelecido, na busca da construção de um novo conhecimento, que não negue o anterior mas inclua e supere em amplitude e complexidade;

- **Princípio da Criatividade:** se fundamenta nos anteriores, permitindo ao aluno situar a si próprio enquanto sujeito histórico-social, e ao conhecimento que constrói coletivamente, numa

perspectiva crítica da sociedade, entendendo os valores e interesses que aderem a esta cultura de movimento.

• **Princípio da Ludicidade:** busca-se o resgate do lúdico nas atividades, principalmente esportivas, na tentativa de contrapor ao competitivismo exacerbado (Documento Preliminar das Diretrizes Curriculares, 1996:13-14).

Dentro de uma perspectiva de ensino que busca contribuir para a formação de um sujeito crítico, solidário, autônomo, é fundamental que esse objetivo permeie todo o processo que se desenvolve na disciplina de Educação Física Escolar desde o seu planejamento. Cabe ao professor ter clareza de alguns aspectos que ofereçam sustentação a um trabalho voltado para um ensino crítico.

## Como Tudo Acontece no Cotidiano?

Como fazer? Talvez essa seja a indagação mais comum entre os professores que desejam mudar sua prática pedagógica, isso porque, dentro de uma perspectiva mais crítica de Educação Física, torna-se impossível aplicar “receitas”, pois o planejamento não depende somente dos objetivos do professor, mas principalmente dos anseios, interesses e necessidades dos alunos.

Por outro lado, podemos perceber um ponto muito positivo nesse processo, que está ligado justamente a questão do professor/pesquisador. Nessa perspectiva, o professor sente-se obrigado a construir a sua prática pedagógica, não podendo ser a dele (prática pedagógica), pensada por alguém. Por isso

sentimos a necessidade de ressaltar que os encaminhamentos que aqui serão relatados, não devem servir como “receita”, pois foram construídos a partir de uma realidade social com características próprias.

Por trabalharmos com faixas etárias diferentes, tentaremos relatar o que conseguimos construir até aqui nas 1ª e 2ª séries do primário e 6ª a 8ª série do ginásio:

### 1ª e 2ª Séries

Nas séries iniciais, o trabalho caminhou a partir de um resgate cultural, através de um levantamento de jogos e brincadeiras que as crianças costumavam realizar no seu cotidiano, assim como as brincadeiras que seus pais costumavam fazer quando crianças.

Inicialmente este trabalho foi construído através de painéis junto com os alunos, possibilitando constatar que muitas brincadeiras realizadas pelos seus pais desapareceram, desencadeando a partir daí uma pequena discussão sobre o assunto.

Temos trabalhado sempre na perspectiva de partir de uma atividade que eles conheçam, realizando da forma e com as regras que eles usam normalmente. Em cima disso, elaboramos formas novas com maior complexidade. Essas produções costumam ocorrer em pequenos grupos, com intervenções da professora no sentido de provocar avanços ou dar “dicas” para auxiliar na organização, no sentido de que os próprios alunos desenvolvam a capacidade de auto-organização, buscando a construção de um trabalho cooperativo e mais autônomo.

Além da execução dessas brincadeiras realizamos a confecção de brinquedos (pés-de-lata), que surgiu da busca coletiva de uma atividade que pudesse anteceder a utilização de pernas-de-pau, atividade esta realizada anteriormente com dificuldades. Esta experimentação deu-se da seguinte forma: construção do brinquedo; período de exploração do brinquedo individualmente e em pequenos grupos; movimentos combinados de onde surgiu a idéia da criação de uma dança para a festa junina da escola.

O desenvolvimento dos trabalhos citados acima, aconteceu permeado por conversas e intervenções no sentido de que os alunos percebessem as necessidades/possibilidades/limitações que surgiam. O processo se desenvolve e é simultaneamente submetido a uma constante avaliação, que embora não tenha um caráter formal, acontece sempre que se discute o que está sendo feito, o que está dando certo, e o que pode ser mudado. Cabe aqui destacar a necessidade/importância de estarmos desenvolvendo “instrumentos” de avaliação próprias para essa faixa etária. O registro da professora e alguns trabalhos por escrito têm sido feitos, porém, é fundamental que isso aconteça de modo mais sistemático, principalmente registros feitos pelas crianças para garantir uma avaliação coletiva do processo.

### **6ª a 8ª Série**

Inicialmente, procuramos diagnosticar quais os interesses dos alunos dentro das aulas de Educação Física. Como já era de se esperar, o esporte foi o mais cotado a se “praticar”. Dentro

disso, outra discussão foi levantada: Qual o objetivo do esporte dentro das aulas? Após muitos dias de discussão, chegou-se a um denominador comum, por várias pessoas terem diferentes interesses e dificuldades, foi estabelecido que o principal objetivo seria **jogar com**, e não **jogar contra**.

Esse simples relato, permite visualizar a riqueza do processo e também a dificuldade de se ter como meta algo que fosse possível a todos, pois o Fenômeno Esportivo, principalmente através da mídia, conseguiu também nesse contexto apropriar-se das pessoas, fazendo com que essas se tornem dependentes da pseudo-realidade dos meios de comunicação.

Esta discussão, possibilitou o surgimento de outros conhecimentos que tradicionalmente não são trabalhados nas aulas de Educação Física, entre eles podemos citar a dança e a capoeira. Após o objetivo geral estabelecido, partimos para a construção de nossas ações juntamente com os alunos.

O **jogar com**, exige muito mais do que o simples “praticar” assim, foi preciso aqui praticar/desconstruir/reconstruir cada jogo para se chegar ao objetivo proposto. Esse trabalho só é possível mediante uma avaliação constante do que é feito e do que está se alcançando. Estamos fazendo isso através de um processo dialógico que está permeando todas as ações, diálogo esse que as vezes é valorizado e as vezes também criticado, afinal - “Educação Física a gente faz, não tem que ficar falando”! São essas avaliações que estão permitindo aos alunos perceberem suas dificuldades

em cada conteúdo escolhido e, a partir dessa constatação, criarem possibilidades de jogos/atividades, que busquem superar essas dificuldades, ao mesmo tempo que vão construindo sua autonomia.

Uma outra possibilidade que estamos experimentando, são as produções teóricas dos alunos a partir de pesquisas feitas em livros, textos e entrevistas com pessoas da comunidade.

Num exemplo do que foi comentado até agora, podemos citar o trabalho desenvolvido a partir da capoeira, onde se fez um resgate histórico buscando identificar/entender suas origens. Para isso, utilizou-se a pesquisa em livros, textos, entrevistas com capoeiristas da comunidade, vivência dos movimentos utilizados tentando entender o seus significados, chegando ao final do processo com a produção de um texto sobre a capoeira, construído por toda a turma (30 alunos da 7ª série).

Consideramos que uma das principais dificuldades nesse processo foi a avaliação. Nesse sentido, conseguimos avançar na discussão dos critérios juntamente com os alunos, a partir do objetivo inicial. Estabelecemos como critérios a observar, os seguintes itens:

- **Participação:** entendida não só como o fazer, mas vinculado a um fazer refletido;

- **Ajuda Mútua:** na perspectiva de colaborar com o seu colega para que se consiga chegar ao objetivo;

- **Responsabilidade:** buscando ressaltar o seu papel enquanto sujeito também responsável pelo acontecimento das aulas.

Dentro desses critérios, a cada final de bimestre realizamos uma auto-avaliação qualitativa, onde ambos, professoras e alunos têm a oportunidade de estar colocando o seu parecer dentro do processo. Como instrumento inicial utilizamos um questionário com algumas perguntas referentes ao processo vivenciado e após isso, uma avaliação verbal a partir das respostas dos questionários.

Apesar dos alunos possuírem condições de argumentar, a mensuração da nota ainda é muito subjetiva, ficando ainda ao encargo das professoras. Estamos estudando para o segundo semestre outros instrumentos que possam contribuir para essa discussão.

## O que Podemos Conseguir...

Gostaríamos de relatar aqui, duas avaliações realizadas por alunos de 7ª série, após um trabalho realizado com o tema Futebol. Esses relatos, aparecem como uma amostra do que estamos construindo e o quanto podemos avançar, demonstrando ser possível acreditarmos em uma intervenção mais crítica na Educação Física.

*“O futebol na nossa turma tem dado muitos resultados, a turma em termos de faltas, brigas etc está diminuindo muito, ou seja, a relação entre os alunos está melhorando, os passes estão se desenvolvendo lentamente, mas há a participação de todos no jogo, as meninas e meninos estão se relacionando muito bem*

*não avendo diferença sendo que ambos joguemos futebol normalmente, apenas há algumas meninas que deviam tentar jogar mais, ou seja, ter mais participação, eu acho que as regras deram certo, principalmente ouve a discussão e a escolha avendo a participação de todos e o debate sobre o assunto. Claro que nada disso daria certo se a professora não insistice no trabalho em conjunto da turma e principalmente fazer as pessoas ter mais responsabilidade nas sua decisões". (Sic.) (Luana Santos)*

*"Eu achei bom a matéria de futebol, não porque falou sobre, mas porque nós nos reunimos para formarmos regras ou modificá-las. Assim tivemos que fazer um trabalho em grupo dentro e fora da quadra. Por exemplo, o toque por todos para poder fazer o gol ou para fazer o gol, isso exige um trabalho em grupo, claro porque é obrigado tocar para fazer o gol, mas foi bom porque quem não sabia tocar ou não queria tocar era obrigado a aprender e a deixar de ser "fominha". Várias regras e novas regras foram questionadas por todos para saber se concordam ou discordam e ou porque do dois. Exemplo, o toque de lateral e escanteio com a mão todos falaram, todos deram a sua opinião mais um trabalho em grupo. As garotas gostaram da idéia da mão porque é mais fácil de localizar, os rapazes já preferem com o pé pois já são mais ágeis. Mas num tribu-*

*nal improvisado todos votaram e ficou escolhida a mão mas com um pouco de reclamação apesar que no jogo foi melhor. Afinal o que eu aprendi no "futebol" é que um jogador não pode jogar sozinho e que um trabalho em grupo também é bom, principalmente quando se tem o direito de ajudar, reclamar, julgar para um jogo limpo e bonito. Fim. (Sic.) (Fabrício Odons Linhares)*

## **Pedras que Surgem nos Caminhos...**

Podemos constatar dentro da atual estrutura da Educação Física algumas dificuldades de implantação de uma proposta mais crítica, mas que porém não a inviabilizam. Ao nosso entendimento, tais dificuldades servem como referencial de análise para que possamos avançar em toda estrutura de educação.

Uma das questões que dificultou muito o trabalho, foi o tempo disponível para as aulas de Educação Física (45 minutos). Isso levou-nos a um constante "enxugamento" de discussões de alguns temas em detrimento de outros, afim de que pudéssemos atingir os objetivos propostos. O espaço físico, poucos materiais, número excessivo de alunos nas turmas, foram fatores que em alguns momentos também limitaram nossas ações. Porém, utilizamos essas questões para discutir com os alunos a respeito do descaso com a educação de um modo geral, e de como poderíamos superar as dificuldades encontradas. Cabe ressaltar aqui, a falta de material bibliográfico adequado disponível na biblio-

teca para que os alunos possam pesquisar, restando para nós a responsabilidade de subsidiar com materiais de fora da escola as pesquisas propostas em aula.

Outro aspecto fundamental é a necessidade de uma proposta pedagógica que envolva toda a escola, fundamentada num fazer coletivo. Quando isso não acontece, surgem situações de confronto, pois os alunos passam a comparar e reagir, diante dos conceitos de autoridade x autoritarismo.

Além de tudo o que citamos aqui, nos deparamos constantemente com nossos valores enraizados a muito tempo, que em muitos momentos batiam de frente com o que objetivávamos para uma aula de Educação Física. Em alguns momentos isso pesa e até desanima, pois os resultados de mudanças, tanto nossa como dos alunos é muito lenta, exigindo-nos a cada aula mais e mais. Ainda bem que estamos cercados de pessoas que acreditam nessa idéia, que nos dão força e subsídios para continuarmos assim como eles, sendo ousadas. Obrigado.

## Referências Bibliográficas

- ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL ANTÔNIO PASCHOAL APÓSTOLO. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Florianópolis, 1995. (mimeo)
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Visão didática da educação física. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1991.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí : Unijuí, 1994.
- MAZZO, Janice Z. & BREZINSK, Paulo Roberto. Construindo diretrizes curriculares para a educação física escolar. in: *Revista Motrivivência*. Ano 07 - Nº 08 - Dezembro, 1995.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Movimento de reorientação curricular: documento preliminar de educação física*. Florianópolis, 1996. (mimeo)